

PHILIPS

Healthcare

Implantação do sistema Tasy

Hospital Bruno Born



Quem?

Hospital Bruno Born,
Lajeado (RS)



Desafio

- Falta de integração entre setores.
- Falta de indicadores confiáveis.
- Falta de rastreabilidade de itens da farmácia.
- Gestão “manual” de processos.

Resultados

- Aumento contínuo do faturamento, chegando a 147% em 10 anos sem incremento de leitos.
- Análise de resultados (faturamento e qualidade) por centro de custo e procedimento
- Redução de 97,1% nas devoluções para a farmácia.
- 274% mais agendamentos de exames.
- Aumento do valor por autorização de internação hospitalar.

Integrando setores para uma **gestão financeira e de recursos mais eficiente**

O faturamento do hospital aumentou com base em análises e estatísticas, e não em mais leitos.

Cristiano Dickel, diretor-executivo do Hospital Bruno Born

No Brasil, em nove anos, foram fechados cerca de 35 mil leitos em hospitais privados, uma redução de aproximadamente 11%. Ainda que, no mesmo período, tenha aumentado em 6,6% a quantidade de leitos públicos, o saldo geral foi uma diminuição na média de leitos. Em 2010, eram 2,23 para cada mil habitantes; em 2018, caiu para 1,95 – bem abaixo da média global, que é de 3,2 leitos hospitalares por mil habitantes, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹.

Diversos fatores explicam essa redução, entre eles a crise econômica iniciada em 2014, que levou a uma redução dos beneficiários da saúde suplementar, e a pressão natural dos convênios por prazos mais estendidos de pagamento, dificultando o fluxo de caixa dos hospitais. Para aqueles que atendem também o Sistema Único de Saúde (SUS), soma-se o fato de que a tabela para remuneração nem sempre é compatível com as despesas assistenciais de alguns procedimentos.

Nesse cenário desafiador, ter eficiência operacional e reduzir desperdícios se tornou uma questão de sobrevivência.

Para o Hospital Bruno Born (HBB), em Lajeado (RS), município a aproximadamente 115 km de Porto Alegre, o caminho escolhido para atingir esses objetivos foi investir em tecnologia para integrar os setores e os processos da instituição.

Fundado em 1931 e, atualmente, com 188 leitos e 986 colaboradores, o HBB é o maior hospital do Vale do Taquari², que engloba outros 36 municípios³. Conta hoje com uma média mensal de 1.300 internações, 3.200 pronto atendimentos, 8.500 exames de imagem e 43 mil procedimentos ambulatoriais. Suas principais especialidades são cardiologia, neurologia, oncologia, radioterapia, nefrologia, obstetria, pediatria, cirurgia geral e bucomaxilofacial, com destaque para casos de deformidade lábio-palatal. Em 2018, cerca de 71% dos atendimentos realizados foram para o SUS².

Desafio

Apesar de seu porte, o HBB era gerenciado de forma "manual", desintegrada e desestruturada, explica Cristiano Dickel, diretor-executivo do hospital.

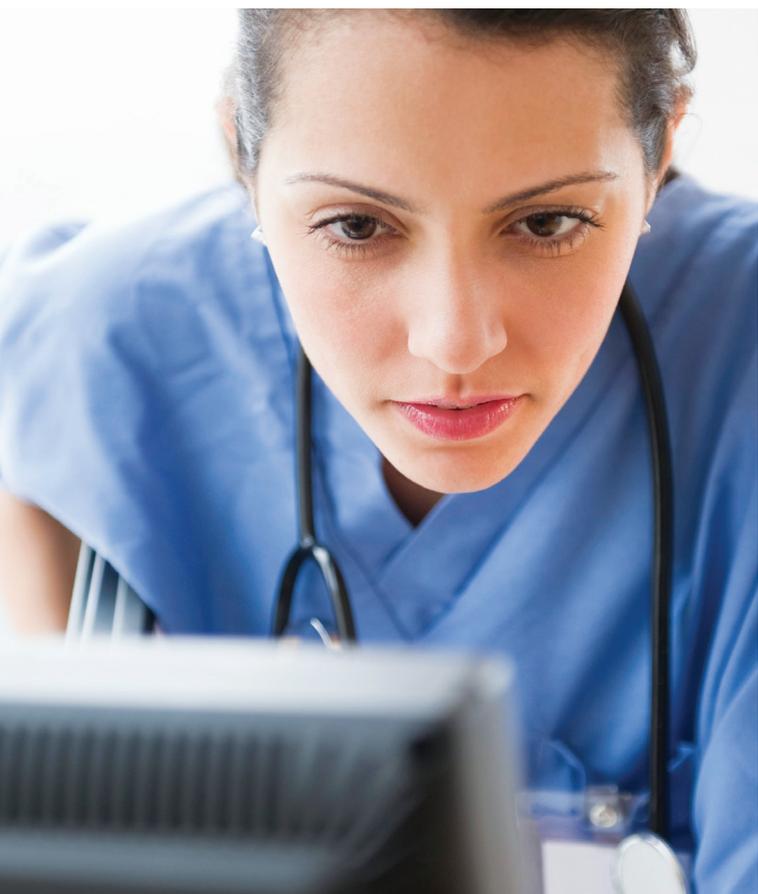
“O controle financeiro era realizado por meio de planilhas. Os indicadores não eram validados, não havia rastreabilidade no processo de controle de estoque e a prescrição não era integrada à farmácia. Não se tinha uma interação entre setores e equipes”, avalia.

No antigo sistema de controle, por exemplo, as áreas financeiras e contábeis não eram ligadas. Um simples pedido de suprimento gerava a necessidade de imputar dados em três áreas diferentes do software. Primeiramente era feito o lançamento da nota fiscal. Em seguida, os dados eram registrados novamente na área de contas a pagar. Por último, a nota era lançada manualmente no sistema contábil. Outro exemplo de ineficiência estava na prescrição de medicamentos, que era realizada duas vezes – uma em papel e outra no sistema que era utilizado para tal fim. Para o pedido chegar até a farmácia, era necessário imprimir o documento e levar até o local para o medicamento ser liberado, o que, além de custar mais tempo para a liberação, dificultava a rastreabilidade dos medicamentos.

Com o sistema, o HBB viu seu faturamento crescer 147% em dez anos, partindo de uma receita de aproximadamente R\$ 43 milhões para R\$ 108 milhões.

Em 2009, o HBB iniciou a integração de seus setores, processos e dados por meio do sistema de gestão em saúde Tasy. Ao se lançar as notas fiscais, por exemplo, os dados já são compartilhados com os módulos de contabilidade, contas a pagar e estoque, com aprovação via sistema, eliminando a necessidade de retrabalho manual. A prescrição de medicamentos, por sua vez, é feita diretamente no Tasy e enviada automaticamente para a farmácia, também com integração com o estoque, com total rastreabilidade desde a central de preparo até o leito. A medicação segue ao posto de enfermagem com número de processo e ordem de manipulação e é encaminhada à beira do leito, com bipagem e validação em todas as etapas, até a administração ao paciente.

Com o sistema, o HBB viu seu faturamento crescer 147% em dez anos, partindo de uma receita de aproximadamente R\$ 43 milhões para R\$ 108 milhões. Para Dickel, o resultado positivo se explica pelo ganho de eficiência e pela visão estratégica que a tecnologia permite – já que, no período, não houve aumento na quantidade de leitos oferecidos e o número de procedimentos pelo SUS no hospital teve alta de apenas 5,4%.





Soluções

Com a implantação do Tasy, o Hospital Bruno Born passou a medir seus resultados por centro de custo e por procedimento, direcionando recursos para áreas mais rentáveis, como a clínica de fertilização e o conceito de paciente-dia. Uma vez implantado, o sistema permite a análise de todas as margens de lucro dos serviços, medicamentos e materiais, facilitando a identificação dos procedimentos mais rentáveis para a instituição.

Os gestores também conseguiram avaliar a capacidade produtiva e os gargalos por segmento, identificando onde era possível crescer e os pontos nos quais era necessário fazer ajustes. Foi possível analisar, com o Tasy, todas as produções e volumes e percentuais de ocupação diariamente, por hora e por minuto. A partir daí, o HBB pôde fazer ajustes em seus agendamentos, seja expandindo horários para determinados procedimentos, adquirindo novos equipamentos ou mesmo trazendo novos profissionais ao hospital.

Na farmácia, foram adotadas a prescrição médica eletrônica e a administração eletrônica da prescrição (ADEP), o que ajudou a reduzir o número de devoluções de medicamentos que não foram administrados. Em dezembro de 2008, as devoluções de medicamentos não administrados somavam 15.691 itens devolvidos. Esse valor foi caindo ano a ano, chegando a apenas 454 itens em 2018, quantia 34 vezes menor que o registrado antes do Tasy ser implantado. *“Muitos medicamentos e materiais eram encaminhados sem necessidade para administração do paciente, gerando retrabalho e ressuprimento do estoque desnecessariamente”*, explica.

Outra área que apresentou ganho de eficiência foi a de diagnóstico. Com a função Agenda de Exames e Consultas, do Tasy, o HBB pôde gerir o tempo da equipe e padronizar o preparo por exame.

A confirmação de presença passou a ser feita pelo paciente por e-mail ou SMS enviados automaticamente, otimizando horas dos colaboradores. O resultado foi que os agendamentos mais do que dobraram – partindo de 2.372 exames agendados para 6.502. A produtividade por colaborador, que era de 339 exames, passou para 591. Como os processos passaram a ser integrados digitalmente, o faturamento por procedimento também se tornou mais preciso, sem deixar escapar itens para cobrança às fontes pagadoras. Hoje, a área de faturamento recebe dados diretamente de outros módulos, como o de agendamento de exames e farmácia, por exemplo.

Como consequência, gerou-se uma maior qualificação das contas hospitalares, mesmo sem uma mudança do perfil ou do mix de contratação de procedimentos. Quando o sistema começou a ser usado, o valor médio por autorização de internação hospitalar em procedimentos para o SUS, por exemplo, era de R\$ 3.050,20 em alta complexidade (AC) e R\$ 887,56, em média complexidade (MC). Em um período de uma década, saltou para R\$ 3.427,96 em AC e R\$ 1.581,26 em MC. O sistema também trouxe agilidade no ajuste das regras de cobrança por eventuais mudanças de parâmetros de cada convênio.

Para Cristiano Dickel, o Tasy tem um papel estratégico na gestão do HBB. *“Ele nos trouxe a visão do todo do hospital. O sistema conseguiu auxiliar na melhoria dos processos, na integração dos colaboradores e, principalmente, no planejamento estratégico e financeiro”*, conclui.

Para o futuro

Com uma gestão mais eficiente e integrada, o próximo passo para o HBB é a conquista da acreditação, e a segurança para o paciente que o Tasy proporcionou por meio da prescrição eletrônica é fundamental para isso.

“Tivemos melhoria de performance em diversas áreas. O hospital cresceu muito nestes últimos 10 anos”, comemora Dickel. “Não conseguimos mais tocar o hospital sem o uso do sistema. Tudo está interligado, e a grande maioria dos processos é automatizada.”



Cristiano Dickel
Diretor-executivo do Hospital Bruno Born

Referências

1. FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HOSPITAIS; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Relatório da situação dos hospitais privados no Brasil**. Brasília: FBH e CNSaúde, 2019.
Disponível em: <http://fbh.com.br/wp-content/uploads/2019/05/CenarioDosHospitaisNoBrasil2019_10maio2019_web.pdf>.
Acesso em: 18 jun. 2019.
2. HOSPITAL BRUNO BORN. **HBB chega ao final do ano com mais de 220 mil atendimentos**. 2018.
Disponível em: <<https://www.hbb.com.br/site/hbb-chega-ao-final-do-ano-com-mais-de-220-mil-atendimentos/>>.
Acesso em: 18 jun. 2019.
3. RIO GRANDE DO SUL. GOVERNO DO ESTADO. **Perfil Socioeconômico COREDE: Vale do Taquari**. 2015.
Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095341-perfis-regionais-2015-vale-do-taquari.pdf>>.
Acesso em: 18 jun. 2019.

